

UM OLHAR SOBRE A ÁFRICA NA SALA DE AULA

Ana Lúcia Ferraz

UDE- Universidad de la Empresa (e-mail: gfabeyro[@]jude.edu.uy)



Resumo: O presente artigo tem como objetivo relatar a experiência vivenciada por mim Ana Lucia Ferraz em uma escola pública onde atuo como professora de história de adolescentes do ensino fundamental e do ensino médio. A turma do primeiro ano E trouxe uma inquietação após uma sondagem diagnóstica feita a respeito da identidade e etnicidade dos alunos a resposta das meninas trouxeram um questionário com lacunas no preenchimento pois cinco delas não responderam ao relatório. A partir do resultado mudei minhas metodologias durante dois bimestres e me inscrevi junto a Diretoria de Ensino para viabilização de recursos financeiros para que o Projeto Estudos Brasileiros e Africanos pudesse mudar as meninas com crise identitária além de promover pesquisas, excursões e indagações sobre nosso país e nossos laços culturais africanos. Após a aprovação do projeto as ações puderam dar significado as temáticas inseridas no contexto escolar e houve uma mudança na forma de olharmos para o Continente Africano. Esse olhar começou a ser com mais orgulho por parte dos alunos e professores, pois pertencer a um país de raízes africanas deve ser um motivo a mais para estarmos sempre atentos a sala de aula.

Palavra chave: Culturais, Africano, Raízes

Introdução

A Escola onde trabalho, na periferia de São Paulo, tem uma comunidade escolar de classe média baixa e as minhas turmas são originários de famílias cuja formação se diferem das famílias tradicionalistas das últimas décadas. Muitos jovens já ficam na escola mais de cinco horas por dia e a maioria deles cursam o ensino médio no período noturno.

Contextualizar o Continente Africano requer pesquisa constante e amadurecimento pedagógico pois os resultados muitas vezes são colhidos após vários meses ou até anos depois de seu início por isso ensinar e aprender precisa-se um encantamento por parte do docente e do aluno para que ocorra o aprendizado contínuo.

O professor tem como obrigatoriedade o cumprimento de várias normas como viabilizar o conteúdo cumprindo metas prazos e índices, avaliar sistematicamente assim como continuamente criar condições para que todos aprendam além da entrega de documentos semestrais, bimestrais e anuais. A tarefa de fazer registros e anotações nos torna críticos em relação a nossa pratica pedagógica redimensionando nossas metas e projetos a longo e médio prazo.

Porem nada disso terá valor se não fizermos de nossos alunos seres humanos melhores e solidários que aceitem as diferenças e construam com suas ações uma sociedade mais justa e igualitária.

Um dos fatores primordiais para obtenção de resultados neste projeto Estudos Brasileiros e Africanos foi a temática da cultura herdada pelo Continente africano.

Como inserir a temática africana em sala de aula de forma a contemplar a cultura e memória?

Quais as temáticas mais atrativas e como inseri-las no cotidiano escolar atendendo a obrigatoriedade da Lei 10.639/2003?

Justificativa

A comunidade escolar tem uma história ligada ao bairro que foi crescendo e a escola fazendo parte do entorno o prédio que tem mais de trinta anos sempre funcionou como instituição escolar porem no início há uns vinte e cinco anos era escola de educação inicial e pre escola. Os alunos têm como núcleo familiar avos tios e uma pequena parte ainda pertencem a famílias nucleares como pai e mãe porem alguns alunos são filhos únicos e passam o dia inteiro sem a companhia dos pais que trabalham o dia inteiro nos bairros mais urbanos e com maiores oportunidades. A escola que já tem como obrigatoriedade a disseminação dos conteúdos precisa também promover a socialização assim como preparar o aluno para o mercado de trabalho. Já faz onze anos que trabalho nesta escola, estou com as mesmas turmas a muito tempo e por isso conheço razoavelmente a realidade escolar. Trabalhar os conteúdos de história já é um compromisso mas ensinar história da África e um dos meus maiores desafios já que em 2006 me especializei nesta temática pois tenho paixão por esta parte da História.

Durante um bom tempo insero a temática africana para todas as series, mas no ensino médio percebi que a maioria das meninas não se sentem bem com seus traços cabelos e muitas vezes com seu visual afrodescendente. A escola precisa trabalhar a temática negra pois sabemos que toda beleza tem seus mistérios e seus encantos porem meninas sofrem muito com o cabelo que muitas vezes ainda precisa ser liso para ser bonito mesmo após a indústria de cosmético ser tão diversa e atender ao público afrodescendente. Certa vez ouvi de um professor na faculdade que o povo negro é lindo e eu estava com cabelos soltos, quando vejo uma menina com cachos ou cabelo étnico acho lindo também porem só um professor falar soa muito fraco.

Segundo Munanga (Org. 2005), precisamos nos conscientizar da historicidade dos povos afrodescendentes e do processo de exclusão que estes foram expostos durante vários séculos e em contrapartida ainda precisamos reverter o quadro de exclusão que muitas vezes permeiam os nossos meninos e meninas retirantes, imigrantes e negros porem precisamos fazer essa reversão com

dignidade mostrando a estes alunos que eles têm talento importância, conhecimento e todos os atributos por serem seres humanos. Esse exercício necessita ser contínuo, se assim quisermos trabalhar com a realidade escolar levando em conta a diferença e a diversidade.

“Partindo da tomada de consciência dessa realidade, sabemos que nossos instrumentos de trabalho na escola e na sala de aula, isto é, os livros e outros materiais didáticos visuais e audiovisuais carregam os mesmos conteúdos viciados, depreciativos e preconceituoso em relação aos povos e culturas não oriundos do mundo ocidental.” (MUNANGA, p.15)

Ações de solidariedade e respeito que promovam a valorização da história de povos descendentes de imigrantes, migrantes, refugiados e povos que sofrem com catástrofes guerras ou estejam em situações de risco implementando de situações de debates, plenárias, palestras, diálogos entre os adolescentes e seus pares que trate o assunto do racismo de forma tranquila e como algo que pode ser melhorado através do conhecimento adquirido e das mudanças de comportamento. Enfim mudar só o comportamento e não incluir um currículo que contemple a história da África não é correto, mas ter ações e não cumprir a Lei 10.639/2003 é como renegar a nossa própria história e memória. Só ações conjuntas viabilizarão uma escola na qual os estudos de sociedades africanas consigam atingir qualidade e resultados.

Objetivos gerais

Mudar as metodologias tradicionais como giz, lousa por estratégias de visualização, excursões, análise de fontes e documentos diversos.

Criar ações que valorizem o Continente Africano, sua memória e História.

Utilizar recursos e estratégias didáticas que estabeleçam elos entre conteúdo e aprendizado.

Objetivos específicos

Promover ações de preservação da memória e da cultura africana através de informação estratégias viabilizando a Lei 10.639/2003 através de práticas e metodologias

Metodologia

1. Relatório de pesquisa para os alunos do primeiro ano E do ensino médio com objetivo de sondagem e amostragem
2. Roteiro e exibição do filme Hotel Ruanda com relatório de questões abordando Guerra Civil e Memória
3. Gráfico sobre a origem e étnica dos alunos do primeiro Ano E
4. Visita ao Museu Afro-brasileiro; Roteiro e relatório avaliativo
5. Noite festiva com a comunidade escolar homenageando cada representante.

Depoimento de alunos (as) afrodescendentes compilação dos dados para entregar os relatórios junto a Diretoria de Ensino

Desenvolvimento

O trabalho seguiu um esquema de Plano de aula com objetivos; para os segundos anos a temática inserida foi as telenovelas e os personagens negros e afrodescendentes e escolhi um relatório apenas para ilustrar o resultado final.

“Eu assisto de vez em quando algumas novelas e percebi que como fonte documental e muito interessante usa-la para as aulas de história. A professora pediu neste relatório para que eu anotasse as vestimentas, as relações de trabalho e eu percebi que a escravidão era um momento histórico real porem nas novelas existe um exagero em alguns itens. O que mais me chamou a atenção foram o feitor, a sinhazinha e as escravas de confiança, enfim podemos analisar uma novela como fonte histórica.” (MAYARA, aluna do segundo ano A)

Relatório do primeiro ano E e A que etnia pertence

- 1 Branca
Amarela
- 2 Negra
- 3 Afrodescendente

Que recursos usar para criar uma cultura de valorização da cultura afrodescendente que não se dilua no cotidiano escolar? Como implementar praticas educativas que valorizem a cultura brasileira africana?

“A invisibilidade e o recalque dos valores históricos e culturais de um povo, bem como a inferiorização dos seus atributos descritivos, através de estereótipos, conduz esse povo, na maioria das vezes, a desenvolver comportamentos de auto-rejeição, resultando em rejeição e negação dos seus valores culturais e em preferência pela estética e valores culturais dos grupos sociais valorizados nas representações.” (MUNANGA, p.22)

A primeira turma que entreguei o diagnóstico foi o primeiro ano E que tem o seguinte perfil:

A turma é numerosa rapazes bem humorados e unidos enquanto turma, meninas falantes um pouco competitivas com três grupos mais homogêneos e mais amistosos. A sala como um todo é produtiva porem com dificuldades em escrita, porem usam da fala com bastante eloquência. Ao entregar o relatório de sondagem para ações metodológicas percebi que cinco meninas não quiseram responder as perguntas por escrito e se eximiram no debate proposto.

“A novela sugerida pela professora Ana Lucia, A escrava Isaura, tem como protagonista a escrava Isaura e ela era tratada como alguém da família mas por causa do filho de seus padrinhos se apaixonar por ela sofreu muitos castigos e já no final da novela a abolição trouxe uma esperança para todos os povos negros Gostei de estudar a história da abolição através da novela algumas cenas estavam um pouco tremidas pois fiz uma pesquisa pelo site do youtube.” (LETÍCIA, aluna do primeiro ano E)

Atividade com a nona serie A

Filme Hotel Ruanda – Uma história de outro século, entendendo uma Guerra Civil. O filme traz como temática a Guerra civil entre Tutsi e Utu, o protagonista é Paul o gerente do hotel que milita em favor de um povo que é de outra etnia. A história tem seu clímax quando Paul percebe que sua descendência foi quase que extinta e pode se notar o desespero quando ele percebe que sua memória e história quase se extingue. A turma entendeu a proposta, a maioria entregaram relatos excelentes. A partir dos trabalhos falar de Guerra Civil e Resistência ficou muito mais fácil. Gerando as resenhas a seguir:

Aluno 1: Rafael

Uma guerra entre partidos e grupos políticos. O filme mostrou a realidade de uma guerra civil, entre grupos que foram colocados em um contra ou outro por causa da Bélgica de Ruanda o principal país envolvido é a Bélgica.

Aluna 2: Adriele

A escravidão foi de resistência, porém não o que conta a história pois como sempre tudo é relatado pelos vencedores e não encontramos a parte real dos fatos. Sim, ouve a escravidão, mas vocês acham mesmo que foi tudo tão simples assim, acham que os portugueses chegarão e escravizaram nosso índios sem ao menos eles brigarem? Será mesmo que os brancos renderão o povo negro sem que eles revidassem? Bom acho quer não, a resistência ouve sim, mas não e tão contada e vangloriada como a história dos escravistas.

Entrevista com a coordenadora Pedagógica da Escola Edileusa

1 - De acordo com as propostas atuais de ensino em que aspecto o uso do tema Africanidades valoriza a cultura Afro-brasileira em sala de aula.

Você já leu algum teórico que sugere uma temática de valorização da negritude em sala de aula?

2 - Justifique o seu ponto de vista. (Para o ensino Médio).

Não eu não conhecia, mas a professora me falou do Kabenguele Munanga e eu gosto muito do que a professora fala dos livros que ele escreve. Devemos sempre valorizar o diverso pois a nossa sociedade é multicultural e étnica.

Resultado e Discussão

O gráfico apresentado aos alunos como recurso pedagógico e tema de pesquisa trouxe os seguintes resultados:

A aula do primeiro ano E se definiram como meninos afrodescendentes em sua maioria com uma pequena porcentagem de negros e brancos.

As alunas, porém, se auto definiram uma boa parte como brancas e cinco não responderam.

As ações e estratégias deverão levar em conta que na sala uma crise de identidade ainda permeia as relações sócias no espaço escolar.

As intervenções didáticas para esta turma foram de leitura e análise de novelas, filmes, debates, visita monitorada em Museu e compilação dos dados elaborado pela professora após relatos de alunos. Apesar de preocupante esse dado deve ser aceito de forma natural já que os jovens tem por volta de quatorze anos.

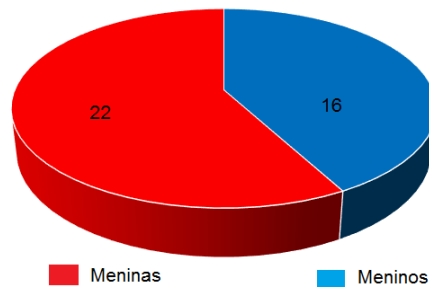


Figura 1 – Total de alunos matriculados por gênero no 1º ano do Ensino Médio.

Fonte: Autoria própria.

Em uma aula de discussão alunas se propuseram a falar sobre os problemas que as meninas enfrentam por não se encaixar num estereótipo de branco e europeu porem os meninos argumentaram que o cabelo rastafári ou estilo black e despojado é muito usado entre elas e algumas meninas já usam mais é uma minoria. Alguns jovens quiseram falar sobre estética corporal porem não foram tão naturais e eu quis participar apenas da conclusão já que o trabalho não era inquisitório, mas de sondagem para futuros trabalhos a serem feitos com propostas coerentes ao currículo e plano escolar.

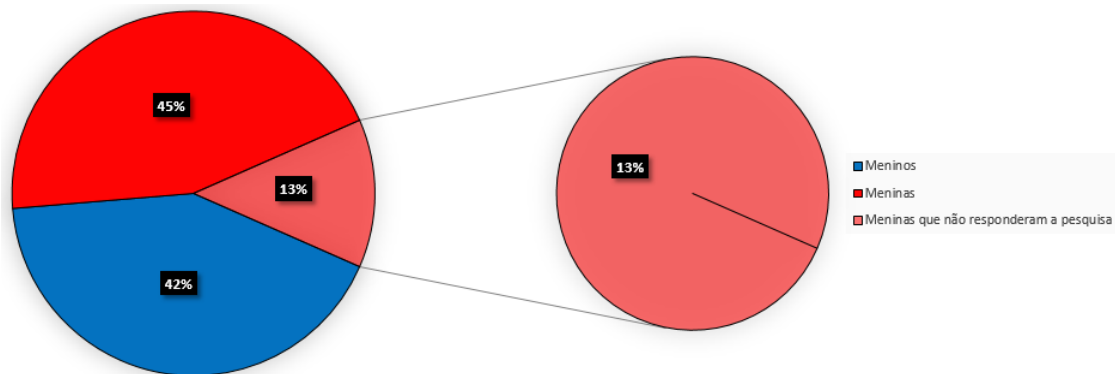


Figura 2 – Total de alunos do 1º ano do Ensino Médio que participaram da pesquisa.

Fonte: Autoria própria.

Depoimento de uma aluna do ensino médio

Eu tinha nove anos tinha cabelos bem crespos usava óculos e um pouco gordinha. Percebia a distância das meninas da minha sala e muitas vezes elas me ignoravam. Nunca era escolhida para fazer parte de grupos de pesquisa fechados.

O racismo nem sempre é claro ou dito com palavras, mas percebemos que somos rejeitados quando riem de algo que falamos, mesmo que seja falado com sinceridade, quando nossas vestes causam estranheza ou quando não somos aceitos de forma natural. Um dia cheguei em casa e minha mãe que sempre me demonstrou um grande amor me ouviu e pediu para eu fosse até a direção e contasse o que estava acontecendo. Ao me dirigir a diretora essa me rotulou de exagerada e não acreditou, no mesmo dia procurei as meninas disse a elas tudo que sentia e elas começaram a me respeitar.

Hoje já não sinto necessidade de ser aceita pois já sou importante, tenho uma mãe que me apoia, um pai que me ensinou ser correta e sou consciente da minha cor. Ser negra não é obstáculo para seguir meus sonhos pois conforme a professora cotou na aula os povos africanos travaram lutas de resistência durante muitos séculos.

De acordo com Silvério (2013), nas décadas de setenta a história da África começa a ser valorizada e quinhentos historiadores começam a se dedicar a especialização e ao doutorado de temática africana porém na França os movimentos de história tradicional francesa continuou a prevalecer.

Diante de tal afirmação, nós professores de história podemos então entender o quanto a Escola Francesa influenciou ideologias nos livros didáticos e no pensamento ocidental e por isso o professor de história precisa desmistificar os mitos existentes na sociedade moderna.

A partir dessa premissa como trabalhar história da África usando fontes confiáveis?

Quais estratégias usaremos para que o racismo e a discriminação entre jovens diminuam?

Para desenvolver alguns projetos e mudar minhas práticas de ensino se fez necessário alguns relatórios pertinentes ao conteúdo. Fiz uma sondagem inicial para que pudesse conhecer melhor a turma. Ao entregar as fichas percebi que alguns não hesitaram em responder de imediato porém algumas meninas não quiseram entregar de imediato porém depois de alguns minutos de conversa entregaram. Ao ler os levantamentos percebi que a maioria das meninas afrodescendentes se sentiam discriminadas e para elas a cor branca era determinante na sua genética e mesmo eu conversando sobre descobertas científicas dos grupos humanos percebi que para algumas adolescentes a negritude e a estética é um assunto complexo e de crise identitária. Durante o bimestre trouxe vários assuntos que abordava o protagonismo de populações negras além de me declarar mais negra, na verdade eu me identifico muito com minha negritude, meu cabelo, minha pele e tudo que se refere a minha ancestralidade pois herdei o nome da minha avó Ana.

CONCLUSÃO

A Diversidade Cultural no Currículo Escolar é uma busca pela igualdade para que nossas ações sejam seguidas precisamos deliberar papeis e responsabilidades criar oportunidades de participação para todos em sala de aula respeitando limites e habilidades de cada criança.

“Reafirmo que é preciso construir novas práticas. Julgo ser necessário que os (as) educadores(as) se coloquem na fronteira desse debate e que a cobrança de novas posturas diante da questão racial passe a ser uma realidade, não só dos movimentos negros, mas também dos educadores, dos sindicatos e dos centros de formação de professores. Quem sabe assim poderemos partir para iniciativas concretas, desenvolvendo projetos pedagógicos juntamente com a comunidade negra, com as ONG’s e com os movimentos sociais.” (MUNANGA, p.22)

As meninas do primeiro ano E começaram a aceitar suas características físicas e étnicas quando me identifiquei como filha e neta de afrodescendentes. Não é fácil fazer mudanças em sala de aula se a própria mídia ainda não tem um número de atores e atrizes negras representando a nossa sociedade e os salários mais baixos ainda são de famílias negras e afrodescendentes.

Segundo Munanga (Org. 2005), a escola enquanto Instituição precisa valorizar a multiplicidade Cultural do povo brasileiro repensando assim as suas práticas e inovando seu currículo.

Devemos dar os primeiros passos para que a Lei 10.639/2003 não fique apenas engavetado cumprindo normas de entrega de plano de ensino, mas que venha configurar um direito da população brasileira de conhecer sua memória e preservar sua identidade.

Afinal quem de nós se atreve a dizer que não temos nenhuma memória ou identidade de povos que resistiram no passado e resistem até hoje pois a memória é a história não escrita que prevalece entre esses povos.

Mas bem sabemos que o advento das leis e a mudança do conhecimento que se faz hoje pela televisão, computador e outros meios de comunicação mudou a forma de lidarmos com nossos alunos. É através desta análise que indagamos como ter praticas inclusivas e diversas dentro do contexto escolar atendendo a todos os pontos de interrogação que se faz presente. Porém é através de pesquisa, sondagem das turmas disponibilidade de debates e fóruns nos espaços escolares e discussões sobre as sociedades africanas ainda desconhecidas assim como excursões, entrevistas que modifiquem o modelo tradicional das aulas não perdendo de vista o conhecimento empírico, mas com relevância.

O que não podemos deixar de fazer é inovar buscando novas fontes de pesquisa já os jovens que acabam recebendo informações que nem sempre são precisas e de qualidade fora da escola e a escola precisa filtrar essa informação e transformar em conhecimento empírico e formal.

Através da constante pesquisa poderemos alçar maiores voos com turmas que já tem conhecimento prévio e desafiar turmas mais complexas com um olhar mais atento sempre surgirá temas que nos remetam ao Continente Africano principalmente dentro das salas de aula.

Bibliografia:

ABRAMOWISCZ, Dra. Anete; BARBOSA, Dra. Lúcia Maria Assunção; SILVERIO, Dr. Valter Roberto; **Programa: São Paulo Educando pela diferença para a igualdade – Módulo II.** Editora UFSCar. São Paulo.

GOMES, Nilma Lino. **Repensando o Racismo na escola.** Editora MEC. Brasília, 2005.

HERNANDEZ, Leila Leite. **A África na sala de aula-** segunda edição revisada. Editora Selo Negro. São Paulo, 2008.

SILVÉRIO, Valter Roberto. **História Geral da África Pré-História ao século XV.** Editora MEC. Brasília, 2013.

Referência:

ABRAMOWISCZ, Dra. Anete; BARBOSA, Dra. Lúcia Maria Assunção; SILVERIO, Dr. Valter Roberto; **Programa: São Paulo Educando pela diferença para a igualdade – Módulo II.** Editora UFSCar. São Paulo.

HERNANDEZ, Leila Leite. **A África na sala de aula-** segunda edição revisada. Editora MEC. Brasília, 2005.

HOTEL RUANDA: Filme. Diretor e Produtor de Terry George. Itália, Reino Unido e África do Sul. Produção: Lions Gate Films Inc., United Artists, 2004. 1 DVD.

MAE – Museu de Antropologia e Etnologia. In-loco: mar. 2017.

MUNANGA, K. (Org.). **Superando o racismo na escola.** Brasília: Ministério da Educação, 2005. p. 15, 22, 69, 151.

Museu Afro Brasil. In-loco: abr. 2017.

SILVÉRIO, Valter Roberto. **História Geral da África Pré-História ao século XV.** Editora MEC. Brasília, 2013.